

TEATRO

**VEM COMIGO VER O RIO  
DESCER**

**Antônio Roberto Gerin**

(02/07/2004)

*Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional, sob o n. 433.227*

## Personagens

Maria

Ricardo

Luciano

Homentor

Homem-duro

*CENÁRIO 1 - Exterior da casa. A casa, assentada no topo de uma colina, aproxima-se do estilo colonial, com seu telhado em quatro águas e os tijolos pintados de branco. Vê-se ao fundo um pequeno bosque de eucaliptos, e, à direita, separado da casa, uma garagem e, contíguo a ela, um depósito. E, descendo em declive acentuado, surge lá embaixo um rio, de águas largas e mansas. A casa é elevada em relação ao nível do terreno, por isso, o acesso à sua varanda e, por conseguinte, à porta da sala se dá por uma escada de quatro degraus. O espaço em volta é ocupado por um gramado irregular, um tanto malcuidado, podendo-se ver aqui e ali árvores, a maioria frutíferas.*

*CENÁRIO 2 - Sala. Na frente, a porta de entrada; ao lado da porta, uma enorme janela que se abre de par em par; no lado direito em relação à entrada, um corredor que conduz aos quartos; ao fundo, uma saída para a cozinha. O mobiliário é simples. Um sofá de dois lugares, um pequeno tapete surrado, um aparador, sobre o qual se vê um rádio antigo, e duas cadeiras.*

*CENÁRIO 3 - Porão da casa. Assoalho suspenso, de tábuas corridas, o madeirame em vigas atravessando de lado a lado, apoiadas em estacas de madeira, grossas e mal talhadas. Chão batido. Algumas caixas velhas, de madeira, em vários tamanhos. O único foco de luz, pouco, vem de uma abertura sob a escada da varanda. E a única forma de acesso à parte inferior da casa se dá por um alçapão, fechado por uma portinhola de madeira medindo 55cmx70cm, construído junto à parede oposta à porta de entrada da sala, bem junto à porta que dá acesso à cozinha.*

**ATO I**

## CENA I

- RICARDO *(Porta da sala aberta. Ricardo à soleira, faz-se anunciar, batendo à porta.)* - Tem gente aí?
- MARIA *(De fora.)* - Quem é...?
- RICARDO Maria...?
- MARIA *(Entra.)* - Em que posso ajudar?
- RICARDO *(Percebendo que Maria não o reconhece. Fica indignado.)* - Não está me reconhecendo?
- MARIA *(Espanto.)* - O que é que você está fazendo aqui?!
- RICARDO *(Arfante e agitado, fecha a porta, trancando-a.)* - Não precisa ficar assustada. Nada de importante.
- MARIA Então, por que você trancou a porta?
- RICARDO Eu preciso me esconder!
- MARIA Eu não estou entendendo.
- RICARDO Calma...! Não precisa ficar preocupada.
- MARIA Como não me preocupar! Você trancou a porta!
- RICARDO Confia em mim. Depois eu te explico.
- MARIA *(Nervosa.)* - Explicar o que, Ricardo?
- RICARDO Pô, Maria, dá pra você ficar calma! Eu estou pedindo. E é

melhor não fazer perguntas. Na verdade, não aconteceu nada. É isso que eu quero que você entenda. Você não tem motivo nenhum pra ficar nervosa. Pra que ficar nervosa?! (*Olha em volta, depois para o chão.*)

- MARIA            Você é que está nervoso...
- RICARDO        Eu pensei que você fosse me receber de braços abertos. E não me tratar desse jeito, como se eu fosse um estranho.
- MARIA            Você some, não dá mais notícia, depois chega assim do nada, fazendo esse mistério todo, e ainda quer que eu te trate com naturalidade?...
- RICARDO        O que foi? Nem acabei de chegar e você já está me cobrando o passado?
- MARIA            Ricardo, o que é que está acontecendo?
- RICARDO        Eu não posso dizer. Nem adianta insistir. Só vim pedir um lugar pra me esconder. (*Olhando de perto o alçapão.*) É isso que eu estou procurando. O alçapão. (*Agacha-se, tenta arrancar o alçapão.*) Esse troço não sai mais, não? (*Puxa, não consegue.*)
- MARIA            Dá licença... (*Maria retira o alçapão com certa facilidade.*) Pronto. Pode entrar.
- RICARDO        (*Inclina-se para conferir embaixo.*) - Não tem luz?
- MARIA            Nunca teve, e você sabe disso.
- RICARDO        (*Observando o interior.*) - Deve estar uma sujeira só!
- MARIA            Pra quem precisa se esconder, melhor não fazer exigências!
- RICARDO        Você está com raiva de mim?
- MARIA            Não!
- RICARDO        Tem certeza?
- MARIA            Você não vai descer?
- RICARDO        Calma! Eu estou pensando... Deixa eu pensar...

Precisamos de alguma coisa pra esconder o alçapão.

MARIA Você está vindo de onde?

RICARDO (*Levanta-se.*) - Eu disse pra você não me fazer perguntas.

MARIA Por que não?

RICARDO É mais uma pergunta?

MARIA Por que eu não posso saber o que está acontecendo?

RICARDO Porque é melhor você não saber de nada. Pra depois não ter aí o que falar.

MARIA Você matou alguém?

RICARDO (*Afasta-se, observa o alçapão.*) - Nós vamos ter que colocar um disfarce em cima dessa tampa.

MARIA Você matou alguém, Ricardo?

RICARDO (*Exalta-se.*) - E se eu tiver matado? Qual é o problema? (*Silêncio.*) Você tem alguma coisa pra colocar aqui em cima?

MARIA Eu vou pegar um tapete.

RICARDO Tapete não! Tem que ser alguma coisa pesada. Difícil de mover. Que ninguém pense em tirar do lugar. Se descobrem esse troço, me pegam! E sabe o que vai acontecer? (*Imita recebendo um tiro na cabeça.*) Entendeu? (*Vê o sofá. Ansioso.*) O sofá! Me ajude aqui... A gente coloca o sofá em cima do alçapão. E o aparador ali, no lugar do sofá.

MARIA Primeiro, você vai me contar o que está acontecendo.

RICARDO Pode ficar tranquila. Eu não matei ninguém. Olhe pra mim. Você acha que eu tenho cara de quem matou alguém? Você me conhece, sabe que eu não faria isso. Eu só não quero que você fique me fazendo perguntas. É pro seu bem. Pra eles não terem nada o que tirar de você. Por isso, ó!, nada de perguntinhas. Estamos combinados? Agora, me ajude aqui. (*Empurra o sofá.*)

- MARIA *(Ajuda Ricardo.)* - Como é que eu vou poder te ajudar se você não me conta nada?
- RICARDO *(Exalta-se.)* - Eu quero que você me ajude a esconder esse troço. Só isso! Se você me ajudar a esconder bem o alçapão, os caras com certeza não vão me pegar!
- MARIA *(Espanto.)* - Que caras?!
- RICARDO Merda! Já falei demais! *(Afasta-se, para ver como ficou o sofá sobre o alçapão.)* Não ficou legal. O sofá ficou muito perto da porta. Eles vão desconfiar. Por que é que seu pai não fez esse buraco mais pra lá?!
- MARIA O aparador é menor.
- RICARDO *(Observa o aparador, inclinando-se.)* - Olha as pernas de troço. Muito altas! Vai dar pra ver o alçapão. *(Procura em volta outra solução.)* Merda! Merda!
- MARIA Não adianta ficar resmungando. Vamos! Me ajude! Vamos ver como é que fica. *(Arrastam o sofá para o lugar original. Trazem o aparador.)* Vai! Força!
- RICARDO Esse troço é muito pesado. *(Irritado.)* Você só empurra! Deixa que eu ajeito. Rápido, Maria!
- MARIA Calma!
- RICARDO *(Para de empurrar. Desespera-se.)* - Nem adianta. Dá pra ver tudo!
- MARIA A gente coloca o tapete.
- RICARDO Um tapete debaixo do aparador, Maria?! Fica esquisito.
- MARIA E daí? Quem é que vai pensar nisso?
- RICARDO Os caras estão acostumados a pensar em tudo! Eles vivem pra isso. *(Apressa-se.)* Não me pergunte de novo quem são os caras! Você não disse que quer me ajudar? Então...? Qual a próxima ideia?
- MARIA Vamos puxar o aparador de volta pro lugar dele. *(Puxam o aparador.)* Devagar! Assim, você me quebra os pés

dele.

- RICARDO Se quebrar, eu pago!
- MARIA Pelo jeito, ficou rico também.
- RICARDO Não é hora pra brincadeiras, Maria!
- MARIA Você acha que eu estou com medo desses caras?
- RICARDO Não vem me dar uma de espertinha, pelo amor de Deus!
- MARIA Que espertinha...?
- RICARDO Eu te conheço. Você adora ser (*Ênfase.*) a heroína. Só que estamos falando de uma coisa chamada política. No mundo da política, não existem heróis. Só vítimas.
- MARIA Você é uma vítima?
- RICARDO Ainda não.
- MARIA Se você está fugindo, você já é vítima.
- RICARDO (*Irônico.*) - Nota dez, Maria! Nota dez! Que perspicácia!
- MARIA Coloca o tapete aqui.
- RICARDO Tapete não.
- MARIA (*Incisiva.*) - Coloca. Eu estou pedindo! (*Sai.*)
- RICARDO (*Contrariado, coloca o tapete. Vai até a janela, observa lá fora.*) - O que é que você vai fazer?
- MARIA (*Volta, trazendo um criado-mudo.*) - Aqui está.
- RICARDO (*Indignado.*) - Mas isso é um criado-mudo!
- MARIA Por isso mesmo. É mudo, não fala.
- RICARDO O cara dá um chute, joga isso lá fora!
- MARIA Esse cara é o quê? Um monstro?
- RICARDO Filho do monstro! Melhor. Filho do diabo!

MARIA Se é assim, eu tenho a solução.

RICARDO Onde é que você vai?

MARIA Calminha. Já volto. *(Sai.)*

RICARDO *(Impaciente, vai até a janela. Maria volta com uma imagem de Santo Antônio. Indignado.)* Que merda é essa agora?

MARIA Um santo.

RICARDO Eu sei que é um santo.

MARIA Ele vai resolver o seu problema. Vai te defender dos filhos do diabo!

RICARDO Daqueles filhos da puta? Duvido!

MARIA *(Ajeita o santo sobre o criado-mudo.)* - Amanhã é dia de Santo Antônio. Treze de junho.

RICARDO *(Desespera-se.)* - Vai ter reza também?

MARIA Eu não rezo.

RICARDO Você não reza?

MARIA O espanto por quê? Eu não rezo.

RICARDO Pra que, então, essa fé?

MARIA Os caras vão ter medo do santo. Não vão tocar no criado-mudo. *(Ricardo ri.)* Está duvidando?

RICARDO *(Para de rir. Irritado.)* - Você conhece os caras? Você sabe do que eles são capazes? Eles adoram fazer duas coisas, Maria! Primeiro, perguntam. Depois, matam. E você acha que eles vão ter medo de um santo?!

MARIA Você está querendo o quê? Me assustar?

RICARDO Você não pode estar falando sério...

MARIA Você tem alguma ideia melhor? *(Silêncio.)* Não tem. Então, deixa eu fazer como eu quero. *(Segura de si.)* Eles

não vão chutar o santo.

- RICARDO      Está bem. Bota o santo aí!
- MARIA        Pra eu botar o santo, você tem que descer.
- RICARDO      Já vou, não precisa mandar! (*Pausa. Observa Maria.*) Eu nem olhei pra você ainda...!
- MARIA        Olhar pra quê?
- RICARDO      Pô, Maria. Faz tempo que a gente não se vê!
- MARIA        Você não veio me ver porque não quis.
- RICARDO      Pronto! Está com raiva.
- MARIA        Eu só quero que você desça.
- RICARDO      Você não mudou nada.
- MARIA        O tempo pra mim não passou tão rápido.
- RICARDO      E eu? Você acha que eu mudei?
- MARIA        Não consigo imaginar você com essa barba.
- RICARDO      Eu não estou falando do físico!
- MARIA        Como é que eu vou saber?
- RICARDO      Eu fui pra uma cidade grande, esqueceu?
- MARIA        Você sabia que lá as coisas iam ser difíceis.
- RICARDO      Eu tinha que ir! Ficar aqui fazendo o que nesse fim de mundo? Fui atrás de coisa melhor.
- MARIA        E teve que sair de lá fugido.
- RICARDO      Fugido não! Perseguido. Caçado, feito um animal! Eu ainda sou daqueles caras, Maria, que defende o que pensa. Com unhas e dentes. Defendo mesmo! Eu não abro mão do que eu penso. Do que eu acho que é certo. Só que deu nisso que você está vendo.

- MARIA           Você se deu mal, não foi?
- RICARDO       *(Silêncio.)* - Eu não queria envolver você nessa história.
- MARIA           Fique tranquilo. Eu não vou dizer pra eles que você está aqui.
- RICARDO       Só quero que você saiba de uma coisa!
- MARIA           *(Incisiva, interrompe.)* - Eu não quero saber de nada. Quem não sabe não tem o que falar.
- RICARDO       *(Pausa.)* - Assim que escurecer, eu vou embora.
- MARIA           Ainda são três horas da tarde.
- RICARDO       Ótimo! Vou ter um bom tempo pra pensar no que fazer. Faz uma semana que eu estou na estrada, fugindo. Preciso me organizar. *(Exalta-se.)* Me pegar eles não vão, não, Maria! Eles não vão conseguir o que eles querem!
- MARIA           Não é melhor você entrar, antes que eles cheguem?
- RICARDO       Você não vai me perguntar por que eu nunca mais voltei?
- MARIA           Era minha próxima pergunta. Mas você me proibiu de perguntar.
- RICARDO       *(Sentado, com as pernas no buraco.)* - Você sabe que eu não te prometi nada.
- MARIA           Sim, eu sei.
- RICARDO       Eu nunca pedi pra você esperar por mim.
- MARIA           Você veio pra minha casa pra se esconder, Ricardo. Agora entra, vai.
- RICARDO       Eu ainda não acabei de falar.
- MARIA           Vamos ter muito tempo pra conversar.
- RICARDO       Eu estou parecendo aquele menino que beija a namoradinha e depois foge, não é?
- MARIA           Esquece. *(Empurra-o com carinho.)* Entra.

- RICARDO *(Enfia-se no buraco.)* - Você não vai dizer nada, não? Não vai reclamar? *(Afronta Maria.)* Vai, me pergunta logo por que é que eu sumi!
- MARIA O que está feito, está feito, Ricardo. Você deixou tudo pra trás, foi pra São Paulo, ficou importante, tão importante, que agora querem te matar.
- RICARDO Esse é o resumo da minha vida?
- MARIA Por enquanto, é o que eu sei.
- RICARDO Você acha que eu não fiz nada nesse tempo todo?
- MARIA Talvez tenha se casado.
- RICARDO Não! Eu não me casei.
- MARIA Não se casou?
- RICARDO *(Certa impaciência.)* - Já disse que não.
- MARIA Mas teve filho.
- RICARDO Também não.
- MARIA Fez faculdade de quê?
- RICARDO Não tive tempo.
- MARIA Já sei! Chefe de almoxarifado!
- RICARDO *(Ofendido.)* - Está me achando com cara de quê, Maria? Eu não saí daqui por pouca coisa, não. *(Pausa.)* Inclusive, você sempre achou que eu tinha que ir embora.
- MARIA Mas não sozinho.
- RICARDO *(Desconcerta-se.)* - Eu quis vir te buscar. Não foi uma vez só, não! Muitas! Mas eu não tinha como! Eu não quero me justificar, não é isso! Mas só que eu não tinha como te buscar. Pra quê? Pra te jogar no meio dos lobos?

- MARIA *(Mágoa e ironia.)* - As suas cartas diziam isso?
- RICARDO Eu não podia ficar te escrevendo!
- MARIA Abaixa mais o corpo. Encosta na pilastra, é melhor. *(Encaixa a portinhola na abertura, puxa o tapete, com o criado-mudo. Silêncio. Ela fica parada uns instantes, olhando para baixo, como se ainda não acreditasse no que estava acontecendo.)* Você não precisa ir embora. Pode ficar aí o tempo que quiser.
- RICARDO *(Tentando se acomodar.)* - O que foi que você disse?
- MARIA Pode ficar aí até as coisas se acalmarem.
- RICARDO Você não vai contar pra ninguém que eu estou aqui. Nem pra sua mãe!
- MARIA Já faz cinco anos que mamãe morreu.
- RICARDO *(Pausa.)* - Cinco anos...?!
- MARIA *(Silêncio. Maria está inquieta, tensa, vai até a janela, volta.)* - Está tudo bem aí?
- RICARDO *(Ainda incomodado.)* - Não consigo enxergar nada.
- MARIA Você vai se acostumar.
- RICARDO Isso aqui está uma sujeira só!
- MARIA É o que eu tenho pra te oferecer.
- RICARDO Não estou reclamando. *(Pausa.)* Melhor você ir lá fazer as suas coisas. Não quero atrapalhar.
- MARIA Você não está atrapalhando.
- RICARDO *(Silêncio.)* - Você não faz nada, não? Não trabalha?
- MARIA Sou enfermeira.
- RICARDO Sério?!

- MARIA Trabalho no turno da manhã. Na Santa Casa. *(Maria dá uma olhada através da janela. Volta a trancá-la.)*
- RICARDO *(Irritado.)* - Droga!
- MARIA O que foi?
- RICARDO *(Bate as mãos.)* - Me sujei todo!
- MARIA É terra. Tem que sujar mesmo. *(Pausa.)* Quer que eu pegue uma vela?
- RICARDO Lanterna, tem?
- MARIA Só toco de vela. *(Levemente irônica.)* Infelizmente.
- RICARDO Melhor que nada, né?
- MARIA Eu vou lá pegar.
- RICARDO Um travesseiro, pode ser?
- MARIA É muita folga, não acha, não?
- RICARDO E jornal pra forrar o chão?
- MARIA Não tem.
- RICARDO Você não lê jornal?
- MARIA Não.
- RICARDO Nem pra saber o que está acontecendo nessa merda de país?
- MARIA Ninguém lê jornal por aqui. Era assim também na sua época, esqueceu? *(Sai, retorna com dois tocos de vela e fósforo. Retira todo o aparato de proteção, suspende o alçapão.)* Aqui as velas.
- RICARDO *(Pega as velas. Acende uma.)* - Esse troço aqui embaixo está horrível! *(Observa.)*

- MARIA *(Pausa.)* - O que é que nós vamos ficar fazendo pra matar o tempo enquanto os caras não chegam?
- RICARDO Pô, Maria, você fala como se a chegada dos caras fosse a coisa mais natural do mundo!
- MARIA Mas eles não vão chegar?
- RICARDO Vão, Maria! Fungando! No meu cangote.
- MARIA Você já imaginou como é que vai ser?
- RICARDO *(Dando-se conta do que pode acontecer com Maria.)* - Vai ser o quê...?
- MARIA *(Imaginando, dramatiza.)* - Eles vão chegar, vão entrar por aquela porta, vão me perguntar... Não! *(Pausa. Suspira. Está tensa.)* Eles vão logo me agarrando! Eles não são fáceis, não é isso que você diz? Eles vão me agarrar, um dos caras vai me pegar pelos cabelos e vai perguntar onde você está. Eu não vou dizer! Ele vai me bater. Eu não vou dizer! Ele vai me matar. Eu não vou dizer!
- RICARDO *(Interrompe.)* - Conversa de mau gosto...
- MARIA Mas não é assim que vai acontecer?
- RICARDO É melhor você sair, ir pra outro lugar. Me deixa aqui sozinho.
- MARIA Qual a diferença? Eles não vão saber que você está aí embaixo.
- RICARDO Mas você vai estar aí em cima! *(Pausa.)* Eles sabem quem você é.
- MARIA *(Preocupada.)* - Você falou de mim pra eles?
- RICARDO *(Defende-se.)* - Não.
- MARIA Então, como é que eles sabem quem eu sou?

- RICARDO Pra eles, nada é difícil.
- MARIA Como, se eu nunca saí daqui? Pouca gente sabe que eu existo.
- RICARDO O que foi que nós combinamos? Que você não faria perguntas. *(Silêncio. Incomoda-se com a posição.)* Droga! Você não vai pegar alguma coisa pra eu me deitar?
- MARIA Vou buscar um lençol.
- RICARDO Travesseiro também.
- MARIA Vou pensar no seu caso. Cuidado com a vela! *(Vai ao quarto, ouve-se porta de guarda-roupa rangendo, retorna com um lençol escuro. Ela mesma abre o lençol, há um enorme remendo no meio, depois ajuda Ricardo a estender no chão.)* Me dê aqui essa vela. Eu seguro enquanto você se ajeita. *(Ele entrega a vela, ela o observa se acomodar.)* Que dificuldade é essa, Ricardo...? Puxa a ponta do lençol mais pra lá! Eles não ensinaram a você os procedimentos básicos de sobrevivência na selva?
- RICARDO *(Reage, rude.)* - Do que é que você está falando?
- MARIA *(Assusta-se com a reação de Ricardo.)* - Que foi?
- RICARDO O que é que você sabe de mim?
- MARIA Nada.
- RICARDO *(Impositivo.)* - Fala!
- MARIA Eu não sei de nada, Ricardo!
- RICARDO Sabe sim!
- MARIA O que é que eu tenho que saber?
- RICARDO *(Repreendendo-a.)* - Maria! Isso é muito sério!

- MARIA Às vezes, eu ia à casa da sua tia, saber notícias suas.
- RICARDO E o que é que ela dizia?
- MARIA Eu só queria saber como é que você estava.
- RICARDO *(Enfático.)* - O que é que ela dizia, Maria?!
- MARIA Que você estava trabalhando numa fábrica de peças de carro.
- RICARDO *(Nervoso.)* - Só isso?
- MARIA *(Dura.)* - Por que é que você sumiu, Ricardo? Custava você ter-me mandado uma carta. De vez em quando. Nem que fosse pra dizer que ainda estava vivo! Nem que fosse pra me dizer que você não queria mais saber de mim! Eu ia entender!
- RICARDO E quem disse que eu não queria mais saber do você? Quem foi que disse? *(Assusta-se. Para.)* Está ouvindo?!
- MARIA *(Para. Assusta-se.)* - Quê?
- RICARDO Barulho de motor! Eles estão chegando. Não fica aí parada! Vai! Você fechou a janela?
- MARIA *(Nervosa.)* - Fechei.
- RICARDO E a porta?
- MARIA Você trancou.
- RICARDO Isso vai dar muito na cara. Tudo trancado! Eles vão desconfiar!
- MARIA E agora?
- RICARDO *(Tentando colocar o alçapão.)* - Me ajude aqui com o alçapão.
- MARIA *(Fecha o alçapão, empurra o tapete com o criado-mudo.)*

- Eu vou abrir a janela.

- RICARDO Não faça isso, pelo amor de Deus! Agora é tarde!
- MARIA *(Sai para a cozinha, volta, ajeita melhor o criado-mudo, sai de novo, demora um pouco, volta.)* - É o Luciano!
- RICARDO Quem é Luciano?
- MARIA Meu marido.
- RICARDO *(Desconcerta-se.)* - Você se casou, Maria?!
- MARIA *(Nervosa.)* - Apaga a vela. Rápido! *(Ouve-se batida de porta de carro. Sai apressada, Ricardo apaga a vela. Silêncio.)*

## CENA II

- LUCIANO *(De fora.)* - Que cara é essa? Parece que viu fantasma?
- MARIA Por que é que você voltou tão cedo?
- LUCIANO Eu vim buscar a cunha. *(Entra. Olha em volta.)* Por que essa casa toda fechada?
- MARIA *(Entra e vai abrir a janela. Nervosa.)* - É que cheguei e fui logo colocar a roupa pra lavar. Esqueci de abrir as janelas.
- LUCIANO E precisa desse nervosismo todo? *(Desconfia.)* Aconteceu alguma coisa?
- MARIA Do jeito que você fica perguntando, daqui a pouco vai acontecer alguma coisa mesmo!
- LUCIANO *(Sai para o quarto. De fora.)* - Você ficou de medir a pressão da tia Nena hoje, esqueceu?

- MARIA Não... Não esqueci, não...!
- LUCIANO Você viu onde eu coloquei a cunha? Droga! Estava aqui! *(Ouve-se barulho de gaveta, volta sem a cunha. Vê a imagem de Santo Antônio.)* Que é que esse santo está fazendo aqui na sala?
- MARIA Amanhã, é dia de Santo Antônio, esqueceu?
- LUCIANO *(Aponta o aparador.)* - Por que é que você não colocou ele ali em cima? Fica melhor. É mais alto.
- MARIA Você tem razão.
- LUCIANO Eu coloco pra você.
- MARIA Não! Eu quero que fique aí. Quem entra, vê a imagem. Fica bonito. Eu prefiro, Ciano! Eu gosto assim...!
- LUCIANO *(Pensa.)* - Tudo bem. Se é mania sua, não vou reclamar. Tia Nena está esperando você.
- MARIA Eu sei, já ouvi!
- LUCIANO Desce comigo. Aproveita a carona.
- MARIA Eu quero fazer umas coisas antes.
- LUCIANO Vai andar a pé nesse sol?
- MARIA Eu não me importo.
- LUCIANO *(Um tanto amuado.)* - Seria mais fácil descer comigo...
- MARIA *(Eleva o tom.)* - Ciano! Eu não quero ir agora. Eu quero ficar aqui mais um pouco! Será que eu posso?
- LUCIANO Precisa brigar, Maria?
- MARIA É que você fica insistindo!
- LUCIANO *(Conciliador.)* - Eu só quero ajudar. Você descia comigo, esperava na tia Nena, depois eu passava lá pra te pegar.

Mas se você não quer ir, tudo bem. Eu é que não posso ficar aqui esperando por você. (*Mostra a marreta.*) Ainda tenho que quebrar uma coluna de concreto. Lá se vai um dia de trabalho perdido!

- MARIA Pra quebrar uma coluna?
- LUCIANO Não é fácil descascar concreto. (*Fazendo menção de sair, para.*) Você tem certeza que não quer ir comigo? (*Apressa-se.*) Ouvi uns comentários na cidade. Estão caçando comunista por essas bandas.
- MARIA (*Assustada.*) - Comunista?!
- LUCIANO É o que estão falando.
- MARIA Um comunista?
- LUCIANO Eu falei um?
- MARIA Você falou um comunista.
- LUCIANO Eu não sei quantos são, Maria! Não vi.
- MARIA Quem é que está procurando eles?
- LUCIANO Dizem que são os militares.
- MARIA Por que dizem?
- LUCIANO O pessoal está falando. Os que viram.
- MARIA (*Ansiosa.*) - Viram quem? Os militares?
- LUCIANO Eu acho que sim.
- MARIA Ciano! Você acha, ou tem certeza?
- LUCIANO Como é que eu vou saber? Tanto faz!
- MARIA Custava você ter perguntado?
- LUCIANO O que eu sei é só isso! Que estão procurando uns

comunistas. Por mim, podiam matar todos!

- MARIA Cruz-credo, Ciano! Por que é que você está dizendo isso?
- LUCIANO Não sou eu que vou matar eles, não, Maria. Por mim, que se danem! Eu estou falando dos militares. Eles é que estão procurando. Eu mesmo nunca vi um comunista na minha frente. Eu nem sei como é que eles são! Branco, preto, feio, bonito... Mas pelo que dizem, coisa boa não são!
- MARIA E você acha que o que dizem é verdade?
- LUCIANO Se todo mundo diz, é porque é.
- MARIA E se eles forem pessoas como a gente?
- LUCIANO Pra fazer o que eles fazem, duvido que sejam!
- MARIA E o que é que eles fazem assim de tão ruim?
- LUCIANO Eu nunca vi eles fazerem nada, Maria! Não me pergunte!
- MARIA E por que então você acredita no que ouve?
- LUCIANO (*Rude.*) - O que foi, Maria? Você está duvidando de mim? Eu estou dizendo o que eu ouvi. Parece até que você está defendendo eles. Se os militares estão procurando, é porque alguma coisa fizeram. Senão, por que estão sendo procurados? Não acha? Pra mim, quem é procurado é bandido!
- MARIA É melhor você ir... Pra não se atrasar.
- LUCIANO Desce comigo.
- MARIA (*Alterada.*) - Ciano, por favor...! Você volta a que horas?
- LUCIANO Eu preciso terminar a coluna. Talvez de noitinha. (*Dirige-se para o quarto. Está alterado.*) Você sabe onde é que está a cunha? Vim só pra buscar essa porcaria!

- MARIA Vê em cima do armário. No canto.
- LUCIANO *(Volta com a cunha.)* - Eu não gostei nada dessa conversa. Parece que você está escondendo alguma coisa de mim!
- MARIA Eu só quis saber o que está acontecendo.
- LUCIANO E você acha que eu vou ficar perdendo meu tempo com um bando de arruaceiros? Tenho mais o que fazer. *(Sai.)*
- MARIA *(Saindo.)* - Também não precisa falar desse jeito! *(Pausa. De fora.)* Vai embora sem me dar um beijo? *(Silêncio. Batida de porta de carro.)*

## CENA III

- RICARDO *(Motor acionado, se distancia. Maria entra, vai até a janela, entreabre-a, observa. Silêncio.)* - Por que é que você não foi com ele? *(Pausa.)* Devia ter ido! Não é você que eles estão procurando...! *(Pausa.)* Droga! *(Silêncio.)* Quem é esse Luciano? Eu conheço?
- MARIA Não! Você não conhece.
- RICARDO *(Silêncio. Exalta-se.)* - Você ficou aqui pra quê?
- MARIA Pra não deixar você sozinho.
- RICARDO Qual o problema? Eu sei me virar.
- MARIA Eles podem tirar o santo do lugar.
- RICARDO Eles não vão mexer no santo.
- MARIA Quem garante?

- RICARDO Com você aqui ou não, o risco vai ser o mesmo.
- MARIA Mas eu não ficaria tranquila
- RICARDO Você devia ter ido com seu marido.
- MARIA *(Altera-se.)* - Eu não quis!
- RICARDO *(Grita.)* - Mas ele é seu marido!
- MARIA Você está o quê? Me mandando embora da minha casa?
- RICARDO *(Silêncio.)* - Você vai dizer pra ele que eu estou aqui?
- MARIA Ainda não sei. Vou pensar.
- RICARDO Se quiser, pode dizer. Eu não me importo. *(Pausa.)* Assim que escurecer, eu vou embora. Não se preocupe.
- MARIA Eu não estou preocupada!
- RICARDO *(Pausa. Indignado.)* - Arruaceiro...! Era só o que me faltava! A milicada esfrega o coturno na sua cara, e arruaceiro é você! Seu marido pensa o quê? Ele não sabe de nada. Ele não consegue ver o que se passa debaixo do próprio nariz! Arruaceiros, nós... Justamente nós que estamos tentando acabar com essa bandalheira toda!
- MARIA Arruaceiro é modo de dizer, Ricardo.
- RICARDO Modo de dizer coisa nenhuma! Eu sei muito bem o que ele pensa. Se bobear, você também pensa como ele. *(Pausa. Acalma-se.)* Deixa pra lá. Pra que me aborrecer. Sou até capaz de achar que seu marido tem razão de pensar o que ele pensa. Quer dizer. Razão ele não tem nenhuma. Lógico que não! Mas e se ele tiver? Quem pode saber? *(Pausa. Confuso.)* Porra, parece coisa de doido! A merda está aí e ninguém faz nada. *(Silêncio.)* Você não vai perguntar nada, não?
- MARIA Se você é comunista?

- RICARDO Comunista não! Assaltante de banco! É isso que os caras querem que eu seja. Assaltante de banco! A luta tem que continuar? Precisamos de dinheiro? Então, vamos lá, assaltar meia dúzia de bancos. Fácil, não? Eu não entrei nessa história pra isso, Maria. Não pense que eu entrei, porque eu não entrei. Por isso, odeio que me chamem de arruaceiro. Arruaceiro! Comedor de criancinha! É isso mesmo! Comedor de criancinha. Nunca ouviu falar nessa baboseira? Os babacas dos militares acreditam que nós comemos criancinhas! Aposto que seu marido também. Se ele souber que eu estou aqui, com certeza, ele vai-me enfiar um pau de cerca nos miolos! Lógico que antes ele vai ter o prazer de conhecer um comunista. Não é engraçado? O cara nunca viu um comunista na vida...! Coitado. *(Pausa. Altera-se.)* Eu não quero que você diga pra ele que eu estou aqui! Você não vai dizer! Eu não quero nem que ele saiba que eu existo! Ele não vai ter a honra de me conhecer. Esse prazer eu não dou pra ele!
- MARIA Seria melhor você se acalmar.
- RICARDO Então, fale alguma coisa!
- MARIA Eu não tenho nada pra falar.
- RICARDO O que é que você sabe disso tudo? Nada, não é? Você não lê jornal. *(Silêncio.)* Você não é uma menina boba. Nunca foi. Você não pode ser daquelas que ficam ouvindo essas musiquinhas bobocas cantadas por babacas bonitinhos.
- MARIA Ninguém conversa de política por aqui. Tudo passa muito longe.
- RICARDO Você ouve aquelas músicas que os militares obrigam as rádios tocarem?
- MARIA *(Decidida.)* - Ouço.
- RICARDO Eu sabia! A gente se matando, e vocês aqui se comportando feito carneirinhos!

- MARIA *(Voz impaciente.)* - Você acha que nós temos escolha?
- RICARDO Onde é que está o rádio?
- MARIA Lá dentro, no quarto.
- RICARDO Por que no quarto?
- MARIA O Luciano gosta de ouvir rádio antes de dormir.
- RICARDO *(Irônico.)* - Ele gosta, é? O que é que ele ouve? Futebol?
- MARIA Eu não vejo problemas. Se ele gosta.
- RICARDO Gosta nada! É porque não ensinaram ele a ouvir coisa melhor!
- MARIA *(Pausa. Incomodada.)* - Você não vai acender a vela?
- RICARDO Aposto que está todo mundo lá embaixo na cidade com o rabo entre as pernas. Prontos pra responder o que perguntarem. Ninguém reage, esse é o problema. Não somos uma nação, Maria! Não passamos de um amontoado de gente! Gente esquisita. Burra! Comprada! *(Silência.)* Olha aonde é que eu vim parar! Depois de tudo o que eu fiz, estou aqui, encolhido debaixo dessas tábuas.
- MARIA Você só voltou quinze anos no tempo.
- RICARDO Pra você ver como eu regredi! *(Pausa.)* Está muito escuro.
- MARIA Acende a vela.
- RICARDO *(Acendendo a vela.)* - Como é que você conheceu esse Luciano? Na quermesse? *(Um tanto agressivo.)* Quermesses sempre renderam bons namoros! Minhas primas que o digam!
- MARIA Ele trabalhou um tempo com papai. Foi assim que nos conhecemos.

- RICARDO *(Irônico.)* - Carpinteiro também, é?
- MARIA E caprichoso. Como papai!
- RICARDO *(Ilumina as duas caixas de papelão adiante.)* - Essas aqui são aquelas caixas ainda?
- MARIA São.
- RICARDO Os brinquedos, estão todos aqui?
- MARIA Todos.
- RICARDO Posso abrir?
- MARIA Pra quê?
- RICARDO Não posso?
- MARIA Poder você pode. Não sei se deve.
- RICARDO *(Puxa uma das caixas. Abre.)* - Posso abrir sim. Isso aqui também é meu. Seu pai fez pra nós dois. *(Vasculha, tira um soldadinho de madeira.)* Olha só quem eu encontro...! O sargento Barriguinha!
- MARIA O comedor de polenta.
- RICARDO *(Lembrando-se.)* - É ele mesmo! O comedor de polenta...! Olha o tamanho da barriga do sujeito...! Quer ver como ele vai querer polenta? *(Para o boneco.)* Quer polenta, sargento preguiçoso? Olha aqui. Fiz pra você. *(Altera-se.)* Ou você quer um tiro no meio da testa? *(Tira outro boneco da caixa.)* E esse aqui, todo sujo?
- MARIA Sargento Sozinho...?
- RICARDO O sargento Sozinho não tinha queixo.
- MARIA Qual a cor do capacete?
- RICARDO Vermelha.

- MARIA           Então, é o soldado Formiguinha. O descascador de batatas!
- RICARDO        Ele mesmo, o próprio! (*Continência.*) Prazer em revê-lo, soldado Formiguinha. Quanto tempo! Posso fazer uma pergunta pro senhor? O que o senhor fez na vida além de descascar batatas? (*Pausa.*) Responde!
- MARIA           Alguém tem que descascar batatas, Ricardo.
- RICARDO        A vida toda?
- MARIA           É o que ele sabe fazer.
- RICARDO        E quem disse que ele só sabe fazer isso? Ele já experimentou fazer outra coisa? Lógico que não! Nós sempre mandamos o soldado Formiguinha só descascar batatas. Como é que ele ia pensar que poderia fazer outra coisa? Tudo bem. Que morra descascando batatas! O babaca! (*Tira outro boneco da caixa.*) Esse desgraçado aqui eu conheço! Esse é o vendedor das batatas! (*Tenso e solene.*) Tonhão, o filho da puta!
- MARIA           Que maldade, Ricardo!
- RICARDO        Maldade por quê? Não é do boneco que eu estou falando. Quem disse que eu estou falando do boneco? (*Silêncio.*) O Tonhão ainda tem aquela quitanda?
- MARIA           O Tonhão morreu.
- RICARDO        Morreu?! Como?
- MARIA           De tanto beber.
- RICARDO        O Tonhão? Cachaceiro...?!
- MARIA           Começou a beber depois que dona Fininha foi embora.
- RICARDO        Dona Fininha? Foi embora por quê?
- MARIA           Fugiu com um caminhoneiro.

RICARDO *(Ri, com prazer.)* - Tonhão, metido a valente, virou corno! *(Silêncio.)* Você se lembra da história da maçã?

MARIA Lembro, lógico!

RICARDO Foi você que me fez roubar aquela maçã do Tonhão.

MARIA Quem saiu correndo, feito um doido, foi você.

RICARDO Você queria comer a maçã, por isso, coloquei ela no bolso.

MARIA Sim, eu queria.

RICARDO *(Exaltado.)* - Eu estava com a maçã na mão. Segurando. Você olhou pro meu bolso. Pra maçã, depois pro meu bolso!

MARIA Que é que tem se eu olhei pro seu bolso?

RICARDO Eu entendi o seu olhar. Você me deu a ordem e eu cumpri.

MARIA *(Incrédula.)* - Ordem...?! De onde você tirou essa ideia?

RICARDO Das minhas análises posteriores dos fatos.

MARIA Que fatos?

RICARDO O seu olhar!

MARIA Eu pedi pra você devolver a maçã.

RICARDO Ela já estava no meu bolso. O Tonhão tinha visto!

MARIA Aí você se apavorou e saiu correndo!

RICARDO O que você queria que eu fizesse?

MARIA Devolvesse!

RICARDO Depois de ter roubado?

- MARIA            Você ainda não tinha roubado.
- RICARDO        A maçã estava fazendo o que no meu bolso?
- MARIA            Era só ter tirado e devolvido. O Tonhão ia entender.
- RICARDO        Um menino de onze anos ia achar isso tudo muito simples...!
- MARIA            (*Angustuada.*) - Você não precisava ter corrido, Ricardo.
- RICARDO        Você queria a maçã. Eu corri porque você queria muito aquela maçã!
- MARIA            Era só a gente ter devolvido!
- RICARDO        Porra, Maria! Ponha-se no meu lugar. Eu queria dar aquela maçã pra você. Era só o que eu queria! Que você comesse a maçã. Mas eu não consegui. Meu pai me obrigou a devolver ela pro Tonhão. Depois, ainda me bateu no meio da rua, na frente de todo mundo! E você estava lá! Escondida atrás da cerca, me olhando. Pensa que eu não vi? (*Silêncio.*) Se pelo menos você tivesse comido a maçã...
- MARIA            (*Emociona-se.*) - Mas eu comi.
- RICARDO        Tirando sarro da minha cara agora, Maria?
- MARIA            Pois eu estou dizendo, eu comi!
- RICARDO        Eu não estou com raiva de você. Aliás, nem sei por que eu estou me lembrando dessa história. Algum fantasma rondando o passado!
- MARIA            (*Silêncio.*) - Eu achei muito bonito o que aconteceu.
- RICARDO        Não foi você que apanhou.
- MARIA            Você acha que eu também não sofri? Você pode imaginar a raiva que eu senti naquele dia?

- RICARDO Na verdade, eu sempre quis decidir de vez quem roubou a maçã do Tonhão. É um fato histórico importante. *(Ri, debochando do próprio chavão ideológico.)* Tudo tem que ser discutido! Analisado! Senão, que graça tem? *(Pausa.)* Dentro de uma perspectiva histórica, aquele que dá as ordens é o culpado. E a ordem pode vir de um simples olhar. *(Silêncio. Suspira. Decidido.)* Enquanto os caras não chegam, nós vamos nos vingar do Tonhão. Chegou a hora! *(Traz o boneco do Tonhão para diante dos olhos.)* O Tonhão finalmente morreu! A nossa pequena burguesia apodreceu. Corneada, falida, embriagada! Não é maravilhosa a vida? Pensamos nós que a enganamos... Mas não! Ela nos devolve a lógica. *(Procura dentro da caixa.)* Onde está o tenente Carranca? Qual era mesmo o final da história do Tonhão? Nós encurralávamos o Tonhão no meio do rio, não era assim? O tenente Carranca colocava sua tropa ao longo das margens! O quitandeiro Tonhão descendo o rio. Em pé, no barco. Assustado. Gritando! Como é que ele gritava? Maria, como é que ele gritava?! *(Voz meiga.)* Você fazia muito bem a voz do Tonhão, Maria...
- MARIA *(Voz em falsete, grossa.)* - Não fui eu! Não fui eu!
- RICARDO Isso! Não fui eu! Não fui eu! Cada grito, um tiro. Na retaguarda, o soldado Formiguinha descascando as batatas. O sargento Barriguinha comendo polenta. Os soldados enfileirados nas margens do rio...
- MARIA Os barcos estão na outra caixa.
- RICARDO Cada soldado, um tiro. Pá!
- MARIA *(Tom de ordem.)* - Você ouviu o que eu disse? O barco do Tonhão está na outra caixa. O azul.
- RICARDO *(Tira o barco azul da outra caixa.)* - Achei! Está aqui. O barco da fuga. Desgraçado! Covarde! *(Coloca o barco no chão, e, sobre ele, Tonhão, em pé.)* Vai, fuge! Grita aí, Maria! *(Maria está quieta.)* Maria! *(Silêncio. Conforma-se.)* Tudo bem. Cadê o tenente Carranca? *(Pega o boneco*

*do tenente Carranca.)* O fuzil! Cadê o fuzil do tenente?  
*(Põe-se a procurar dentro da caixa, de onde tira bonecos de soldados, atirando-os para os lados.)* Ele precisa do fuzil pra matar o Tonhão! O último tiro tem que ser do tenente Carranca!

- MARIA Pega o barco amarelo.
- RICARDO Cadê a droga desse fuzil?
- MARIA *(Muita emoção na voz.)* - Ricardo, o barco amarelo!
- RICARDO *(Para. Retira o barco amarelo da caixa. Observa.)* - Você pintou ele? *(Pausa.)* Parece novo.
- MARIA Gostou?
- RICARDO *(Saudoso.)* - Como é que está o rio?
- MARIA Um pouco mais sujo.
- RICARDO Barrento?
- MARIA Sujo mesmo. Uma pena. Aqui na parte de cima não mudou muita coisa. O problema é lá embaixo.
- RICARDO E o nosso barco?
- MARIA Eu afundei.
- RICARDO Por que você fez isso?
- MARIA Antes de me casar.
- RICARDO Faz tempo?
- MARIA Seis meses.
- RICARDO *(Espanto.)* - Faz só seis meses que você se casou?!
- MARIA Que eu afundei o barco.
- RICARDO Eu estou falando do casamento.

- MARIA Vai fazer três meses.
- RICARDO (*Mostrando decepção.*) - Três meses... Mas foi agora...!
- MARIA (*Empolga-se, escondendo o nervosismo.*) - Eu até pensei em ir no meio do rio e soltar o barco. Olha só a besteira que eu ia fazer...?!
- RICARDO (*Irônico.*) - Aí você foi lá e afundou. Depois, foi pra igreja se casar.
- MARIA Exatamente. Eu afundei o barco antes de ir pro altar. Mas você pode ver o barco a hora que você quiser. É só nadar na direção da peroba, em linha reta, a partir do ancoradouro, uns vinte metros, que você vai dar bem em cima dele.
- RICARDO E seu marido? Ele andou no barco? (*Pausa.*) Eu estou perguntando, Maria!
- MARIA (*Encabulada.*) - Algumas vezes.
- RICARDO Algumas vezes, é? Pode dizer. Eu sei o quanto você ama aquele rio. Você nunca iria lá sozinha. Você tinha que encontrar alguém que também adorasse o rio.
- MARIA (*Reage.*) - Quem gosta de ficar vendo o rio descer sou eu. Eu é que gosto! Eu ainda vou lá, muitas vezes. Sempre que eu sinto saudade. Me sento no mesmo lugar e fico vendo o silêncio descendo o rio no movimento da água. Tudo quietinho. É sempre a mesma sensação! O movimento da água me levando pro nada...! Pra um imenso vácuo no tempo. Eu não penso em nada. Eu só existo! (*Emociona-se.*) O silêncio do rio marcou minha vida! Ele faz parte de mim. Por isso, que eu não quero ir embora daqui. Nunca! O Luciano queria que nos mudássemos pra cidade. Eu não quero ir embora. Eu vou morrer aqui!
- RICARDO (*Pausa.*) - Eu queria muito estar lá com você.
- MARIA Você está acostumado com o barulho.

- RICARDO O rio também é meu!
- MARIA Não é mais a mesma coisa.
- RICARDO (*O ciúme o atormenta.*) - Você se deitava no fundo do barco enquanto seu marido remava?
- MARIA Eu esperei por você durante sete anos, Ricardo!
- RICARDO Não voltei porque eu estava lá, lutando, Maria! Eu abri mão de tudo pra lutar. Não pra mim. Pra você. (*Irônico.*) Pro Luciano! Enquanto ele passeava de barco com você, ouvindo (*Ironiza.*) o silencioso movimento do rio, eu estava lá, botando o meu na reta! Mas meu sonho sempre foi voltar. Eu nunca desisti desse sonho!
- MARIA Eu recebi quatro cartas nesse tempo todo. Se eu quisesse saber notícias suas, eu tinha que ir lá, buscar na casa da sua tia. E você vem me dizer que nunca desistiu dos seus sonhos? Você queria que eu tivesse esperado mais três meses? Que pena, não? Errei por pouco! (*Pausa.*) Agora eu sou uma mulher casada.
- RICARDO (*Pausa.*) - O que é o amor? Você pode me dizer? O que é o amor senão uma praga que alguém joga em você!
- MARIA Praga?! Foi isso que você aprendeu lá fora?
- RICARDO Praga é modo de dizer. Você entendeu. Eu estou falando de algo de que você não consegue se libertar. Uma marca feita a ferro e fogo! (*Pausa.*) Eu achava que o homem pudesse controlar seus sentimentos. Dominar seus impulsos! Que ele tivesse a capacidade de se refazer. De escolher! Engano! O que foi colocado lá trás não sai mais. O que você foi é o que te controla. Esse é o nosso destino! E não adianta fugir. Sempre será preciso voltar.
- MARIA Demorou demais pra voltar, você não acha?
- RICARDO É que a desilusão demora pra chegar! Até você perceber as coisas, demora.

- MARIA *(Conclui, magoada.)* - Então, é isso. Foi a desilusão que trouxe você de volta.
- RICARDO Não foi o que eu quis dizer!
- MARIA Você voltaria se tivesse sido bem-sucedido?
- RICARDO Por que é que você está me colocando diante de uma escolha?
- MARIA Já sei. Não voltaria.
- RICARDO *(Grita.)* - Você se casou; eu, não! *(Pausa. Acalma-se.)* O que é importante pra mim? Pra você? Dinheiro?
- MARIA Tem lá sua importância.
- RICARDO E o poder? Pra que o poder?
- MARIA Mas não foi dele que você foi atrás?
- RICARDO Poder pra mim é merda, Maria!
- MARIA Por que então você se meteu com política?
- RICARDO Aconteceu. Ideias! Ideais! Esse troço dentro de mim não me deixa quieto. A droga toda é que pra você construir um ideal, você precisa do poder. Não tem como ser diferente. Sem poder, você não muda nada. Você precisa dele de qualquer jeito. Só que você não conquista o poder com ideias. Isso não existe! Elas atrapalham. Você tem que deixar as ideias de lado e só se preocupar em conquistar o poder. Só o poder! Aí é guerra de foice em quarto escuro. Tudo é permitido. Mas você ainda pensa... *(Didático.)* Quando eu tiver o poder nas minhas mãos, eu vou pegar de volta as minhas ideias e vou usar o poder pra colocá-las em prática. Certo, Maria? Errado! Como se lembrar das ideias? Onde você as colocou? Tudo mudou. Tudo se deslocou. Você deixou o barco aqui, a correnteza leva ele pra lá. Assim, também acontece com as ideias. A política leva suas ideias embora. *(Exalta-se.)* Aí eu pergunto. Sem as ideias, você vai fazer o que com o

poder? Ou vocês só querem o poder? Os caras não gostaram nada do que eu disse. Eu disse isso pra eles! O que é que nós vamos fazer quando a gente chegar lá em cima? Resumo da história. Fiquei com um punhado de ideias nas mãos. Sem serventia. Não me servem pra nada! Então, pra que lutar? Entendeu por que eles estão atrás de mim? (*Desesperado.*) Eu não tenho mais serventia! (*Pausa.*) Eu queria era ser como o seu marido!

- MARIA (*Espanta-se.*) - O que você fez até agora foi insultá-lo!
- RICARDO Você ficou chateada?
- MARIA Ele é meu marido.
- RICARDO Eu sei, não precisa me dizer. (*Silêncio.*) Seu eu pudesse agora, eu te convidaria pra ir comigo ver o rio descer. Você iria?
- MARIA (*Sorri.*) - E depois você faria o quê?
- RICARDO (*Ri. Afetuoso.*) - Convidaria você pra comer uma maçã.
- MARIA Talvez não seja mais possível.
- RICARDO (*Insiste.*) - Quando se quer, tudo é possível!
- MARIA Eu sempre desejei que nossa história não tivesse um fim. Por isso, eu esperei você por tanto tempo.
- RICARDO Mas nossa história não acabou. Foi apenas uma interrupção.
- MARIA Você está aqui por outra razão, Ricardo.
- RICARDO (*Irrita-se.*) - E se os caras não chegarem?
- MARIA Você ouviu muito bem o que o Luciano disse.
- RICARDO E se tudo não passar de uma simples mentira?
- MARIA Você quer o quê? Se agarrar a uma esperança?

- RICARDO            Eu quero uma certeza.
- MARIA              Tempos atrás, você teria! Hoje, não sei.
- RICARDO            *(Altera-se.)* - Você quer! Eu sei que você quer. Nós vamos embora daqui. Vamos recomeçar tudo em outro lugar!
- MARIA              Não seja tão afoito!
- RICARDO            Eu não estou sendo afoito. Eu estou falando de algo real, ainda possível. De uma realidade que você mesma manteve por muitos anos. Até três meses atrás! E que eu também alimentei! Agora... só por que eu demorei pra voltar? Esse é o castigo? *(Pausa.)* Droga! *(Agitado.)* Aqui nesse buraco eu ainda existo! É como se eu nunca tivesse saído daqui. Esse é o nosso mundo! Lembra quando chovia? O único lugar onde podíamos brincar era nesse buraco. A chuva nunca atrapalhou a nossa infância. *(Eufórico.)* Graças a seu pai! Ele nunca faria esse buraco pra nós se ele não soubesse o que é o amor. Seu pai entendia do amor. Ele sabia exatamente o que era amar.
- MARIA              Quem dera se ele ainda estivesse aqui.
- RICARDO            Como confiar num cara que nunca mais deu notícias, não é? Pois eu quero que você saiba que nada valeu a pena. Não, sem você! *(Exalta-se.)* Será que dá pra você acreditar em mim? Será que dá pra você entender o meu erro?!
- MARIA              *(Emociona-se.)* - Você sabia que eu roubei a maçã do Tonhão?!
- RICARDO            O quê?
- MARIA              Eu roubei. Naquele mesmo dia. O Tonhão estava lá no fundo da quitanda. Ele olhava pra mim. Ele sabia o que eu ia fazer. Eu peguei a maçã e saí andando, devagar, pro meio da rua. Comendo a maçã.
- RICARDO            *(Excitado.)* - Doideira! Você fez isso?!

MARIA            Ele ficou me olhando. Ele não ia fazer nada. Ele entendia por que eu estava fazendo aquilo. Ele sabia que não podia me impedir. Eu estava disposta a tudo. Acontecesse o que acontecesse comigo, eu ia comer a maçã!

RICARDO        Maria! (*Bate no alçapão.*) Abre aqui!

MARIA            Você está maluco.

RICARDO        Abre!

MARIA            É muito perigoso.

RICARDO        (*Força com as costas.*) - Não tem problema. Eu abro.

MARIA            Você vai derrubar o santo.

RICARDO        Dane-se o santo!

MARIA            Se os caras chegarem?

RICARDO        À merda com os caras! Dane-se! (*Bate forte, força.*) Eu quero você.

MARIA            Espera! (*Maria se aproxima do criado-mudo, está excitada. Ela puxa o tapete para o lado, abre o alçapão, às pressas.*)

RICARDO        Desce!

MARIA            O que você está fazendo é loucura!

RICARDO        (*Excitado e perturbado, puxa-a.*) - Loucura mesmo, e daí? Cansei de ficar me escondendo.

MARIA            Você está tremendo...!

RICARDO        (*Encabulado, desajeitado, inseguro, tenta puxá-la.*) - Eu quero você pra mim!

MARIA            (*Desespera-se.*) - Você precisa ficar calmo. Não é assim, não!

RICARDO *(Violento, tenta puxá-la à força.)* - Por que é que você não me esperou?

MARIA *(Assustada.)* - Você está ouvindo?!

RICARDO *(Agitado, quase aos gritos.)* - Eu sei que eu fiz besteira, Maria!

MARIA *(Em tom de ordem.)* - Está chegando um carro, Ricardo! *(Maria afasta-se do alçapão, vai até a janela, volta, empurra-o para baixo.)* Volta pra baixo, pelo amor de Deus!

RICARDO *(Desce.)* - Fecha o alçapão. Rápido! *(Pausa, enquanto Maria começa a fechar o alçapão.)* Rápido, Maria! *(Ouve-se ronco de motor, porta de carro batendo, Maria mal tem tempo de fechar o alçapão, o santo quase cai, ela salva-o no ar. Está no meio da sala, confusa. A porta da sala é brutalmente aberta.)*

#### CENA IV

*Algumas reações de Ricardo serão determinadas pelo texto, tendo sempre como base atitudes de ansiedade, de total silêncio e covardia perante o que estará acontecendo em cima, na sala.*

HOMEM-DURO *(Entra, com ímpeto. Vê Maria assustada.)* - Aqui ela! Na mosca! *(Cerca Maria, empurra-a contra a parede.)* E aí, garota...? Onde é que ele está? Vai responder agora ou vai esperar a porrada?

HOMENTOR *(Entra. Tenta afastar o Homem-duro.)* - Calma, caralho! Não é assim, não!

HOMEM-DURO Que calma o quê...? *(Para Maria.)* Vai! Responde!

- HOMENTOR O que foi que nós combinamos?
- HOMEM-DURO Temos que pegar o cara antes que os milicos botem as mãos nele, porra!
- HOMENTOR Eu sei! Não precisa ficar me dizendo.
- HOMEM-DURO Então, por que essa conversa agora?
- HOMENTOR Deixa pelo menos ela se apresentar.
- HOMEM-DURO (*Afrontando Maria.*) - Responde, porra!
- MARIA (*Recompondo-se, desafiadora.*) - Responder o quê?
- HOMEM-DURO (*Empurra Maria contra a parede, prendendo-lhe o pescoço.*) - Está vendo? Ela já está querendo engrossar.
- HOMENTOR (*Intervindo.*) - Nós nem perguntamos o nome dela, e você já começa querendo dar porrada.
- HOMEM-DURO O nome dela é Maria, porra!
- HOMENTOR Eu sei! Mas deixa ela falar. As pessoas se apresentam, dizendo o nome. Não é, Maria?
- HOMEM-DURO Vai ficar babando por ela também?
- HOMENTOR (*Observa-a. Insinua.*) - Por que não? Olha só que pedaço...!
- HOMEM-DURO Nós vamos perder o cara de novo... Por sua causa!
- HOMENTOR (*Afastando o Homem-duro.*) - Está bem. Eu vou começar o serviço. Fica mais longe. Assim, você me atrapalha. (*Para Maria.*) Seu nome?
- HOMEM-DURO (*Desespera-se.*) - Que nome o que, caralho!
- HOMENTOR (*Para o Homem-duro.*) - Você podia calar essa boca e deixar eu fazer o meu trabalho? Nós não podemos correr o risco de interrogar a pessoa errada.

HOMEM-DURO Que pessoa errada? Estamos cansados de saber quem ela é. Arrebenta logo! Não temos tempo.

HOMENTOR Arrebentar...?! Isso aqui é interior. Pessoal de interior demora mais pra reagir.

HOMEM-DURO E daí?

HOMENTOR E daí que eles são diferentes. Aqui se come sentado, à mesa. Sen-ta-do! Con-ver-san-do! Que é que você está esperando? Vai lá revistar a casa.

HOMEM-DURO Já sei muito bem o que vai acontecer.

HOMENTOR Ela vai me contar tudo. É isso que vai acontecer. Não é, belezinha? Agora, vai! Me deixa fazer o meu trabalho. *(Homem-duro vê o santo, imediatamente se benze.)* Que é que foi? Está com medo do santo?

HOMEM-DURO Vai se foder!

*Homem-duro sai, contrariado. Por-se-á a revistar a casa. Ouvir-se-ão portas de armários rangerem, móveis arrastados, gavetas arrancadas, batidas de porta. Ele revistará os três quartos, banheiro e demais dependências. Perceber-se-á que há homens lá fora, ouvem-se gritos de ordem para que guardem os fundos e a frente da casa, compondo todo um aparato de busca e vigilância.*

HOMENTOR *(Intencional.)* - Viu como ele é? Eu tenho que ter muita paciência. Você nem imagina. *(Aproxima-se de Maria, tocando-a.)* E aí...?

MARIA *(Assusta-se.)* - Não me toque!

HOMENTOR Calma...! Quem disse que eu vou tocar em você? *(Afastando-se.)* Está bem aqui? Hã? Então...?

MARIA Eu não sei de nada.

HOMENTOR Opa! O que é que você devia saber?

- MARIA *(Percebendo ter-se antecipado. Referindo-se ao Homem-duro.)* - Ele me fez uma pergunta, o senhor esqueceu?
- HOMENTOR *(Finge-se ofendido.)* - Vamos esclarecer uma coisa. Quem faz perguntas aqui sou eu. A função *(Aponta o corredor.)* dele é outra. Está ouvindo? Ele vasculha! Procura indícios! Arrebenta portas! Abre gavetas! Quebra pescoço! Eu, não. Eu só interrogo. Quer dizer, converso. Quem vai tocar em você é ele se você não responder o que eu perguntar. Ó! *(Gesto.)* Ele adora quebrar pescocinhos! Por isso que ele é assim, resmungão! *(Reaproxima-se dela.)* Mas dessa vez eu deixo. Pode responder o que ele perguntou. *(Maria se cala.)* Quer que eu repita a pergunta?
- MARIA *(Apressa-se, nervosa.)* - Não precisa!
- HOMENTOR *(Fingindo-se satisfeito.)* - Ótimo! Parece que estamos nos entendendo. *(Pausa.)* E aí...?
- MARIA Não tem ninguém em casa.
- HOMENTOR *(Espanta-se.)* - Por quê? Devia ter?
- MARIA *(Percebendo ter-se antecipado.)* - Eu não moro sozinha.
- HOMEM-DURO *(De fora, aos gritos, falando da janela.)* - Porra, você aí! Está fazendo o quê?
- HOMENTOR Está ouvindo? Ele não tem paciência com ninguém.
- HOMEM-DURO Procure naquele depósito, caralho! Não temos tempo! Você quer o quê? Que a milicada chegue e coma o nosso rabo?
- HOMENTOR Quem mais mora aqui?
- HOMEM-DURO *(De fora.)* - Arromba, caralho!
- MARIA Meu marido.
- HOMENTOR Você é casada?!
- MARIA *(Tentando impor-se.)* - Sim, eu sou casada.

- HOMENTOR *(Surpreso. Irônico.)* - Poxa! Onde está seu marido?
- MARIA Trabalhando.
- HOMENTOR Onde?
- MARIA Lá embaixo, na cidade.
- HOMENTOR *(Observando-a com extremo cuidado.)* - Não precisa ficar nervosa. Nós somos pessoas de bem.
- MARIA Eu não estou nervosa.
- HOMENTOR Então, pare de mexer essas mãos!
- MARIA O senhor é que está nervoso.
- HOMENTOR *(Irônico.)* - Você está achando?
- MARIA O senhor não para de andar.
- HOMENTOR Isso não é nervosismo, espertinha! É técnica de abordagem. Enquanto ando pra cá e pra lá, eu estou pressionando você.
- MARIA Mas o senhor está nervoso. Dá pra ver!
- HOMENTOR *(Para. Irrita-se.)* - Você não acha que está se metendo no meu trabalho? Já chega o resmungão, agora você também! *(Pausa. Embaixo, Ricardo, apreensivo. Homentor acalma-se.)* Está bem. Você me diz onde ele está, resolvemos logo o problema e ninguém vai precisar ficar nervoso. Nem eu, nem você. *(Pausa.)* Tem quatro homens lá fora doido pra botar a mão nele. Daqui a pouco, o resmungão vai voltar. *(Baixo, em tom de fofoca.)* Ele, sim, é um cara nervoso... Até demais, pro meu gosto...!
- MARIA Eu não tenho como ajudar o senhor. Infelizmente!
- HOMENTOR *(Suplicante, ironiza.)* - Você não vai fazer isso comigo...!
- MARIA Ajudar como, se eu não sei de nada?

- HOMENTOR *(Ameaçador.)* - Não brinque comigo, garota...
- MARIA Eu não estou brincando!
- HOMENTOR *(Ouve-se um barulho seco vindo de dentro de um dos quartos.)* - Está escutando? O resmungão! Aquilo sim é um sujeito ignorante. *(Paternal.)* Mas não se preocupe. Eu prometo. Eu não vou deixar ele fazer nada com você.
- MARIA *(Fazendo menção de sair.)* - O senhor me dá licença...
- HOMENTOR *(Impede-a de sair.)* - Aonde é que você pensa que vai?
- MARIA O senhor já ouviu tudo o que eu tinha pra dizer.
- HOMENTOR O que eu quero ouvir você ainda não disse.
- MARIA O senhor veio buscar resposta no lugar errado.
- HOMENTOR Você sabe que ele está aqui. Eu sei que você sabe!
- MARIA O senhor podia me dizer de quem o senhor está falando?
- HOMENTOR *(Exalta-se.)* - Do seu namoradinho! De quem mais?
- MARIA *(Pausa. Perturba-se.)* - Eu tenho marido!
- HOMENTOR *(Tenta agarrá-la.)* - Isso parece que não faz diferença!
- MARIA *(Afasta-se.)* - Eu já disse pro senhor não me tocar!
- HOMENTOR *(Decidido.)* - Está bem. Vamos por partes. *(Tira um envelope do bolso.)* Não pegue. Só olha! Conhece? Pode ler. *(Maria lê. Ele vira.)* Agora o remetente. Seu nome, não é?
- MARIA *(Está descontrolada.)* - É meu nome, sim.
- HOMENTOR Ótimo! Ótimo. Assim que eu gosto. *(Pausa.)* Então? O que é que você tem pra me dizer?
- MARIA Conheço de vista.
- HOMENTOR Mentira!

- MARIA Éramos amigos de infância!
- HOMENTOR Opa! Melhorou. Mas eu ainda não estou satisfeito.
- MARIA É só o que eu tenho pra dizer.
- HOMENTOR Mentira!
- MARIA *(Ricardo está nervoso.)* - O senhor podia parar de andar?!
- HOMENTOR Enquanto você não me disser onde está seu namorado, eu não vou parar de andar.
- MARIA Pare de dizer que ele é meu namorado!
- HOMENTOR *(Atrapalhado, tira a carta de dentro do envelope.)* - Aqui está... A carta da namoradinha apaixonada...! *(Agressivo.)* Você pensa que eu sou idiota? Pensa que eu não sei fazer o meu trabalho? Se há uma coisa que me deixa nervoso é ouvir mentira!
- MARIA Isso foi há muito tempo!
- HOMENTOR *(Mostra a carta.)* - Implorando pra que ele mande notícias... Eu não entendo as mulheres. Por que correr atrás de um cara que não dá a mínima pra você? *(Cínico. Ainda se referindo à carta.)* Encontramos na casa da namorada dele. Uma das namoradas! Mas essa era especial. De fato, era. Termina, volta, brigam, não desgrudam, era assim o tempo todo. Mas você não precisa se preocupar. Ela está morta! *(Emocionado.)* Morreu nas mãos dos milicos. Grávida!
- MARIA *(Espanta-se.)* - Grávida?!
- HOMENTOR Milicos filhos da puta! Canalhas! Mulher grávida levando choque no rabo! Pergunta pro seu namorado!
- MARIA O senhor podia fazer o favor de parar de dizer que ele é meu namorado!
- HOMENTOR Eu sei que você está com ciúmes. Não é fácil, não. Mulher nenhuma gosta de ser enganada. Droga! *(Cínico.)*

Do que é que eu estava falando mesmo? Ah! Lembrei! Então. Encontramos essa carta na casa dela. Sinceramente, não faço a menor ideia de como ela foi parar lá. Talvez ele quisesse usar você pra fazer um ciuquinho...! Que é que você acha? Eu entendia por que a... *(Tom emotivo.)* Eu não vou dizer o nome dela. Eu acho que a memória dela merece respeito.

MARIA Eles sabiam que ela estava grávida?

HOMENTOR *(O assunto irrita-o.)* - O que é que isso importa agora?!

MARIA *(Descontrola-se.)* - Eles sabiam ou não sabiam?

HOMENTOR Os milicos não são pacientes como nós, não! Eles não perguntam. Você acha que eles iam querer saber se ela estava grávida?! *(Emociona-se.)* Os milicos filhos da puta não acreditam, mas nós vamos resistir até o fim! Nós vamos acabar com eles, Maria! É por isso que estamos fazendo tudo isso. *(Enxuga uma lágrima. Pausa.)* Seu namorado sabe coisa demais. Entende por que nós precisamos pegar ele? Ô sujeitinho que fala! Fala! Fala! O que é que você acha que vai acontecer se ele cair nas mãos dos milicos? Mais gente nossa vai levar choque no rabo! *(Tira do bolso um pequeno mapa.)* Olha aqui o mapa. Está vendo o risco vermelho? Saindo de São Paulo? Nós quase pegamos ele em Ourinhos. Só que o filho da puta roubou uma motocicleta. Mais uma vez, ele escapou. Seu namoradinho tem medo de levar choque no rabo. Por isso que ele foge. Frouxo! Covarde!

MARIA *(Agressiva, afronta-o.)* - Isso tudo que o senhor está dizendo é mentira.

HOMEM-DURO *(Entra pelo corredor, agarra Maria.)* - Que é isso, garota? Chamando ele de mentiroso.

HOMENTOR *(Em tom de ordem.)* - Solta ela. Estamos só conversando.

HOMEM-DURO Que conversa! Ela está chamando a gente de mentiroso.

HOMENTOR *(Irritando-se.)* - Solta! O que foi que nós combinamos? Qual é o nosso código? Não brigar na frente do

interrogado, esqueceu?

HOMEM-DURO (*Solta Maria. Traz um maço de cartas.*) - Olha só as porcarias que eu encontrei. Blá-blá-blá!

HOMENTOR (*Toma quatro cartas das mãos do Homem-duro.*) - Não era pra você ter lido. Ler cartas é função minha!

HOMEM-DURO (*Agarra Maria de novo.*) - Está esperando a porrada, é isso?

HOMENTOR (*Agitado.*) - Não bote a mão nela! Não é hora ainda!

HOMEM-DURO Que hora vai ser então? Quando os milicos chegarem?

HOMENTOR Mandou verificar as margens do rio? Já mapearam o terreno todo? Moita por moita? Em cima das árvores? Nós estamos procurando uma agulha num palheiro. E você vem me ensinar o que eu tenho que fazer? Vai lá! (*Homem-duro tropeça no criado-mudo, quase derruba o santo.*) Que é que essa droga está fazendo aí no meio do caminho? Joga essa porcaria fora.

MARIA Não!

HOMENTOR Empurra pra lá.

MARIA (*Grita, coloca-se na frente.*) - Não mexe no meu santo!

HOMEM-DURO (*Cismado.*) - É melhor a gente não mexer.

HOMENTOR Está com medo do santo?

HOMEM-DURO O santo não tem nada a ver com essa história. (*Contrariado, sai.*)

HOMENTOR (*Analisa as cartas.*) - Não pode chegar perto de você que já quer dar porrada. Eu não gosto de gente assim! Sem escrúpulos! Mas fazer o quê? Ele tem que fazer o trabalho dele. No fundo, é gente boa. Tem um coração do tamanho de um bonde. Só não pode ficar nervoso. Esse que é o problema. (*Comenta as cartas.*) Humm! Poxa! O cara até que é romântico...! Mas você sabe que isso aqui é tudo mentira, não sabe? O que os homens mais têm

facilidade é dizer pra mulher, eu te amo! Eles decoram essa frase. Depois vai ver o que eles fazem por trás. Vão dizer eu te amo pra outra mulher. Pra primeira que encontram na esquina. (*Jocosos.*) E ainda os canalhas dizem, você é a única! (*Começar a rir.*)

- MARIA O senhor também é assim?
- HOMENTOR Nós estamos falando do seu namorado!
- MARIA Eu tenho marido!
- HOMENTOR Então, por que você guarda essas cartas? Pra botar um chifrinho nele de vez em quando? Hein?
- MARIA (*Na defensiva.*) - Eu nem me lembrava mais delas.
- HOMENTOR Mentira!
- MARIA Se eu guardei, o problema é meu!
- HOMENTOR (*Começa a andar. Ofendido.*) - Eu estou tentando dizer que o cara é um canalha e você duvida de mim.
- MARIA Ele não é um canalha!
- HOMENTOR (*Tom preocupado.*) - Eu estou começando a ficar com medo. Eu não sei até onde eu vou conseguir acalmar o brutamontes. (*Pausa.*) Minhas pernas estão inchando... Você está me fazendo andar pra lá e pra cá. Desisto! Quando o brutamontes voltar, eu saio. Eu vou me sentar lá fora. Deixar ele sozinho com você. (*Caminha pela sala, está visivelmente inseguro. Busca novo estratagema.*) Se você não disser pra nós, vai ter que dizer pros milicos. A escolha é sua. Só que os milicos não fazem tanta pergunta como eu. Eu tenho muito medo que eles machuquem você.
- MARIA De quantos meses ela estava grávida?
- HOMENTOR (*Grita.*) - O que importa é que ela estava grávida! É isso que importa!
- MARIA Então, eles não sabiam que ela estava grávida?

- HOMENTOR Sabiam! Sabiam sim! Está satisfeita agora?! (*Silêncio. Está emocionado. Acalma-se.*) Seu namorado estava escondido no alto de um prédio. Não é fantástico? Olha onde o cara foi-se meter! (*Irrita-se.*) Como é que o traíra filho da puta conseguiu fugir?! Como é que alguém consegue fugir do alto de um prédio todo vigiado?
- HOMEM-DURO (*De fora, para alguém.*) - Porra, eu que tenho que fazer tudo! Por que é que ninguém viu isso?
- HOMENTOR Com certeza, aconteceu alguma coisa lá fora. (*Olha pela janela.*) Chácara bonita essa, não? Perto da cidade, beira de rio. Paraíso! Sabe o que o brutamontes costuma dizer? Porra, cara, não se arranca prego com conversa! Eu acho que ele tem razão. Eu gosto mesmo de conversar. Eu falo demais. É porque eu sou humano. Eu quero que as pessoas se sintam bem em fazer o que elas querem. Só que eu também não gosto que atrapalhem o meu trabalho! Se eu entregar você pra ele, sabe o que ele vai me dizer? E aí, bosta, não deu conta? É exatamente assim que o brutamontes vai me chamar. De bosta!
- HOMEM-DURO (*Entra pela cozinha, trazendo a mesma cunha antes nas mãos de Luciano.*) - Olha só o que eu achei. Uma cunha!
- HOMENTOR (*Pega a ferramenta, analisa.*) - Isso é uma talhadeira.
- HOMEM-DURO Tudo a mesma coisa, caralho!
- HOMENTOR (*Para Maria.*) - Diz pra ele que é uma talhadeira.
- MARIA Pra mim, é cunha.
- HOMENTOR (*Avança para Maria, o Homem-duro impede-o.*) - É uma talhadeira, sua idiota!
- HOMEM-DURO Tanto faz, porra! (*Para Maria.*) Pra que ele usou isso?
- HOMENTOR Quem faz pergunta aqui sou eu!
- HOMEM-DURO Vai se foder! (*Para Maria.*) Responde.
- MARIA É do meu marido.

- HOMENTOR *(Para o Homem-duro.)* - Onde você encontrou?
- HOMEM-DURO No chão, perto da garagem. Foi manuseado há pouco tempo. A terra está fresca.
- HOMENTOR Ouvia o que ele disse?
- MARIA Meu marido esteve aqui pouco antes de vocês chegarem. Ele veio buscar a cunha pra descascar concreto.
- HOMENTOR Por que então ela está aqui?
- MARIA Ele deve ter deixado cair.
- HOMENTOR *(Apontando para o Homem-duro.)* - Você se lembra do que eu disse dele?
- HOMEM-DURO *(Ressabiado.)* - O que foi que você disse de mim?
- HOMENTOR Eu disse pra ela que você adora quebrar pescocinhos.
- HOMEM-DURO É agora que vou quebrar?
- HOMENTOR *(Finge-se irritado.)* - Não, caralho, agora, não! Ela vai falar.
- MARIA Nós tivemos um desentendimento. Ele ficou nervoso.
- HOMENTOR Nervoso por quê?
- HOMEM-DURO *(Aperta o pescoço de Maria.)* - Eu gosto de fazer isso.
- HOMENTOR Cuidado! Chega! Por que é que vocês se desentenderam?
- MARIA Ele queria que eu fosse medir a pressão da minha tia.
- HOMENTOR Por que é que você não foi?
- MARIA Eu fui ontem.
- HOMENTOR Por que então ele queria que você fosse hoje de novo?
- MARIA *(Confusa, irrita-se.)* - Não sei! Ele só queria que eu fosse.
- HOMENTOR Ele sabe de alguma coisa?

- MARIA            Saber do quê?
- HOMENTOR        Você contou pra ele do seu namorado?
- HOMEM-DURO     *(Pegando a cabeça de Maria por trás, com as duas mãos.)* - A brincadeira está acabando, garota.
- HOMENTOR        Assim você vai quebrar o pescoço dela!
- HOMEM-DURO     Não é pra quebrar?
- HOMENTOR        Ele quer quebrar o seu pescoço. É melhor você responder.
- MARIA            Eu não tenho nada pra contar.
- HOMEM-DURO     A vagabunda não contou pro marido.
- HOMENTOR        *(Intencional.)* - Por que você não contou pra ele que você está escondendo o cara?
- MARIA            Eu não estou escondendo ninguém!
- HOMEM-DURO     *(Finge que vai quebrar o pescoço dela.)* - Fala direito com ele, caralho!
- HOMENTOR        *(Para o Homem-duro.)* - Pra que essa grosseria?
- HOMEM-DURO     Eu não gosto de mulher de narizinho empinado.
- HOMENTOR        Mas eu gosto! Qual o problema? *(Alguém grita lá fora. Homem-duro vai até a janela.)* O que houve?
- HOMEM-DURO     Eu já volto. *(Saindo. Para o Homentor.)* Bosta.
- HOMENTOR        *(Para Maria, intencionalmente ofendido.)* - Eu não disse? Eu não disse que ele ia me chamar de bosta? Agora o que é que eu faço? *(Vai até a janela.)* Vamos esperar o brutamontes voltar. E aí vai ser o fim. Entendeu, garota? O fim! *(Em tom duro.)* Eu não gosto de ser chamado de bosta.
- MARIA            O que é que vocês vão fazer comigo?

- HOMENTOR Não sei. Eu não me meto no trabalho dele. Quer um conselho? Responda tudo o que ele perguntar. Tudo! Eu sei que você não acredita no mal. Você acha que o mal não existe. Aposto que você nunca saiu desse fim de mundo.
- MARIA Não, nunca.
- HOMENTOR Você é capaz de aceitar algumas coisas, garota. Outras, não. Você divide, não é assim? Você se senta à mesa todos os dias e escolhe o feijão. E diz. Esse é bom, esse é ruim, esse é bom, esse é ruim. Eu sei como é que funciona a sua cabecinha. Podem torturar um desconhecido, mas nunca o homem que se ama! Até uma mulher grávida podem torturar.
- MARIA *(Grita.)* - Não é verdade!
- HOMENTOR Então, por que você está protegendo o canalha? Quem você acha que é o culpado pela merda toda?
- MARIA *(Desesperada.)* - Se eu soubesse!
- HOMENTOR Você prefere que os milicos pisem seus coturnos sujos de sangue sobre nossas cabeças...? Porque é isso que vai acontecer!
- MARIA Não é por causa disso que vocês estão atrás dele.
- HOMENTOR Posso saber por que então?
- MARIA O que vocês querem é eliminar ideias! Vocês só querem o poder.
- HOMENTOR *(Dando-se conta do discurso dela. Olha para ela estupefato.)* - O que foi que você disse? *(Corre até a janela. Eufórico.)* Ele está aqui! *(Volta-se para Maria.)* Agora, eu tenho certeza! Ele está aqui, e você sabe onde ele está! Ah, desgraçado, agora te pegamos! Cadê o brutamontes? *(Agressivo.)* Filha da puta! Te peguei!
- HOMEM-DURO *(Entra pela cozinha.)* - Achamos a motocicleta!
- HOMENTOR *(Para Homem-duro, ainda eufórico, com ar de*

*vencedor.*) - Eu tenho certeza. Ele está aqui!

HOMEM-DURO Grande merda. Agora que eu achei a moto.

HOMENTOR Eu descobri primeiro!

HOMEM-DURO (*Dá um tapa em Maria.*) - Ou fala ou leva porrada.

HOMENTOR Vagabunda! (*Para o Homem-duro.*) Onde estava a moto?

HOMEM-DURO Na beira do rio.

HOMENTOR Desde que chegamos que eu estou dizendo pra você mapear a beira do rio.

HOMEM-DURO Cale essa boca, caralho! (*Agarra a cabeça de Maria, por trás, com as duas mãos.*) Posso apertar?

HOMENTOR Um pouquinho só.

HOMEM-DURO Assim!

MARIA (*Grita.*) - Ai!

HOMENTOR Como é que está o motor?

HOMEM-DURO Morno.

HOMENTOR Cadela! (*Chuta Maria.*) Vagabunda! Olha o tempo que nós perdemos.

HOMEM-DURO Vou começar a contar. (*Apertando o pescoço de Maria, apontando a arma para sua cabeça.*) Um... dois...

HOMENTOR (*Desespera-se.*) - Não! Esse método não serve pra esse caso, porra! A morte dela não vai nos ajudar em nada. Guarda esse revólver, eu estou mandando.

HOMEM-DURO Por que é que ela não está chorando?

HOMENTOR Você quer fazer ela chorar?

HOMEM-DURO Ela tem que chorar!

- HOMENTOR Então, vamos fazer ela chorar. (*Olha em volta.*) Eu preciso de uma cadeira pra me sentar. Eu gosto de fazer a última pergunta sentado. A minha perna está doendo. Onde é que tem uma cadeira?
- HOMEM-DURO Pra que essa frescura, caralho?
- HOMENTOR (*Tenta puxar o criado-mudo.*) - Tira esse santo daí.
- MARIA (*Desespera-se.*) - O santo não!
- HOMENTOR Tira o santo daí, porra!
- MARIA (*Maria começa a chorar, sem controle.*) - Meu santinho não!
- HOMENTOR (*Para Homem-duro.*) - Que é que você está esperando?
- HOMEM-DURO (*Faz sinal de silêncio, à escuta.*) - Alguém está chegando! (*Corre até a janela.*) Os milicos filhos da puta!
- HOMENTOR Os milicos! (*Acovarda-se.*) Agora, fodeu tudo! Tudo por causa dessa vagabunda!
- HOMEM-DURO É uma camioneta vermelha.
- MARIA (*Grita.*) - Luciano!
- HOMEM-DURO (*Volta-se.*) - Quem é Luciano?
- HOMENTOR (*Corre para a janela. Feliz, aliviado.*) - É o marido dela!
- MARIA Meu marido não, por favor!
- HOMEM-DURO (*Chuta Maria.*) - Cale essa boca!
- HOMENTOR (*Triunfante.*) - Você agora vai ter que escolher, vagabunda! Namorado ou marido.
- MARIA Ele não sabe de nada.
- HOMENTOR Eu sei que ele não sabe. Você não conta nada pra ele. (*Maria deixa-se escorregar pela parede, senta-se no*

*chão. Chora.)*

HOMEM-DURO Vai lá, porra! Manda segurar o cara.

HOMENTOR *(Para Maria.)* - Já começou a chorar.! Ótimo. Sinal de que estamos nos entendendo.

HOMEM-DURO Você tem três minutos pra interrogar o corno.

HOMENTOR *(Entendendo a insinuação do outro, agredindo-a.)* - Ouviu o que ele disse? Eu só tenho três minutinhos.

HOMEM-DURO Vai, caralho!

HOMENTOR *(Sai. Volta.)* - É só uma perguntinha! *(Sai.)*

MARIA *(Entra em desespero, começa a gritar. Homem-duro pisa-a com o pé direito.)* - Não! Nãooooo! Por favor!

HOMEM-DURO Não precisa chorar. Ele só vai fazer uma perguntinha. *(Pausa.)* Ele gostou muito de você. Ele é sempre assim. Emotivo! Um cara legal. Só que fala demais. Eu gosto de ação. Ele só sabe falar. Diz que interroga. Interroga nada. Perde tempo. *(Bate em Maria.)* Já passou um minuto. Eu não sei perguntar. Eu não tenho paciência. É o meu jeito. Sempre fui caladão. Desde criança. *(Bate em Maria.)* Dois minutos. Meu relógio passa rápido. *(Olha para o relógio.)* Você tem um minuto pra dizer onde está o cara. Para de chorar, porra! *(Bate forte.)*

MARIA *(Grita.)* - Luciano!

HOMEM-DURO *(Chuta.)* - Eu estou esperando. *(Maria, agitada, olha para a porta. Homem-duro tira o revólver.)* Ele está demorando muito. Ô sujeitinho que conversa! *(Grita.)* Caralho! Pra que é que um sujeito conversa tanto?! *(Vai até a porta. Está nervoso)* O tempo está acabando. *(Grita.)* Podem estourar o miolo dele!

MARIA *(Rendendo-se.)* - Eu falo!

HOMEM-DURO *(Afasta-se.)* - Três minutos!

MARIA *(Grita.)* - Eu conto tudo. Larguem ele!

HOMEM-DURO Filha da puta! Entrega! (*Chuta.*) Diz logo, porra! (*Vai até a porta.*) Esperem aí, que ela vai falar.

MARIA Ele só pode ter descido o rio!

HOMEM-DURO (*Chuta.*) - Está mentindo, desgraçada!

MARIA Tem um barco amarelo no ancoradouro. Pode ir lá ver! Tem que ter um barco. Tem que ter! Se o barco não estiver lá, é porque ele desceu o rio! (*Agitada.*) O senhor está perdendo seu tempo. Corre lá!

HOMEM-DURO (*Vai até a porta*) - O filho da puta desceu o rio! (*Dá ordens.*) Vai ver se o barco está lá! Corre, imbecil! (*Chuta Maria, perde o controle.*) Filha da puta. Você sabia de tudo! Sabe o que eu faço com gente espertinha?

HOMENTOR (*Entra.*) - O que foi?

HOMEM-DURO Você fez perguntas demais! Ela segurou a gente pro cara fugir!

HOMENTOR Pare com essa merda! Guarde essa arma! Vamos atrás dele.

HOMEM-DURO (*Vai saindo, volta, atira em Maria, à queima-roupa. Dois tiros.*) - Vagabunda filha da puta!

HOMENTOR (*Tenta evitar.*) - Não, seu imbecil. O que você fez? Olhe só o que você fez! Pra que isso?

HOMEM-DURO Eu não gosto de ser enganado. (*Sai.*)

HOMENTOR (*Sai atrás.*) - E quem disse que nós fomos enganados? Você é que não fez seu trabalho direito. Por que não encontrou logo aquela motocicleta?

HOMEM-DURO (*De fora.*) - Seu bosta! Você vem dizer isso pra mim?!

HOMENTOR (*De fora, para o Homem-duro.*) - Começou, agora, acaba. Vai, porra! (*Ouve-se um tiro lá fora.*)

*(Gritos. Barulho de motor. Cai o pano.)*

*FIM*

Brasília/DF, 2 de julho de 2004.